

CARTA AOS LEITORES: CARA OU COROA

Caríssima,

Joguei uma moeda para o alto e aguardei mentalmente a resposta. Cara foi a resposta. Do fundo do meu coração, eu preferia coroa. Afinal, entre ser abduzida e ser o primeiro contato com estrangeiros de outro mundo, preferia a segunda opção. De toda forma, a ansiedade tomava conta de todo meu corpo, minha língua sofria de uma espécie de formigamento. Lembrei de uma cachaça de jambu que tomei uma vez no Maranhão, mas ela é originalmente do Amapá (assim me contaram). Depois do primeiro gole faz com que a língua e o restante da boca fiquem anestesiadas, com um tipo de formigamento (muito parecido com aquele que sentia agora). Esta foi uma das estranhas experiências que eu tive quando morei no Maranhão (a cachaça de jambu).

A hora de dormir nunca foi tranquila, a noite era cercada de mistérios que fugiam da minha compreensão. Tinha dificuldades de levantar para ir ao banheiro, prática que carreguei pela vida inteira (não a dificuldade de ir ao banheiro, mas a necessidade de fazer xixi durante a noite). Por vezes, acordava com a cama molhada e não era suor. A culpa era do medo que me impedia de levantar na escuridão imensa que tomava conta do quarto. Sim, acordava com a cama molhada de xixi. Por um longo tempo acreditei que tinha problemas na bexiga, mas o tempo passou e descobri que ainda não apresentava nenhuma imperfeição no assoalho pélvico. O assoalho pélvico é uma musculatura transversal responsável pelo suporte dos órgãos abdominais e pélvicos, ele faz a manutenção da continência urinária e fecal, auxilia no aumento da pressão intra-abdominal, na respiração e na estabilização do tronco. Neste momento acho que ele está prestes a falhar na parte da manutenção da continência urinária.

Passado o tempo do medo de escuro, a hora de dormir continuou sendo um problema. Em uma tentativa de me salvar da insônia, imagino cenários e conto histórias, mentalmente, para mim mesma, uma forma (muito comum na infância) de passar o tempo que parece enorme entre a hora de deitar e ser tomada pelo sono. E era nesse intervalo que desde pequena me acostumei a deitar de lado, sempre com um travesseiro no meio das pernas (sentia como um abraço, ainda sinto, mas agora ajuda na dor nas costas) e sempre com o corpo virado para a janela. A janela do quarto era de vidro, transparente e sem cortinas. Para evitar a claridade total que tomaria o quarto ao amanhecer antes da hora necessária de

acordar, a última moradora resolveu cobrir a janela com um plástico preto, uma espécie de papel adesivo que estava um pouco velho e por isso com alguns furos que deixavam a luz entrar formando um desenho assimétrico já que os furos tinham tamanhos diferentes. Nessa hora, a hora mais escura, o quarto ficava salvaguardado pelos furos do adesivo da janela. Para minha salvação (na verdade, ainda tenho um pouco de medo do escuro), um abajur natural, uma luzinha para não parecer só, uma luz que iluminaria o caminho até o banheiro sem que precisasse fazer o exercício de reconhecimento tátil pela casa e acabar sempre com roxos em algum lugar por causa dos tropeços causados pela escuridão que me separava do banheiro.

Olhando os desenhos formados pela luz que ultrapassava os locais onde os furos estavam, todas as noites, desde o início da pandemia, antes de dormir sofria de uma espécie de alucinação. Deitava e o cenário imaginado era sempre o mesmo: estrangeiros tomavam conta da sacada do quarto, passavam pelos furos do adesivo, assumiam a forma de um corpo quando entravam no quarto e faziam contato comigo para me levar para seu mundo ou para fazer de mim instrumento de reconhecimento do nosso mundo. Com o passar do tempo a história começou a fazer parte dos meus sonhos ou pesadelos, ela já não cumpria o papel de embalar o estágio pré sono. Sem que eu permitisse ou quisesse, passava as noites com os estrangeiros. Ao acordar tinha um certo alívio em saber que era sonho ou pesadelo. Tinha amanhecido e tudo voltava ao normal, me conformava com o fato, afinal, psicanaliticamente falando, como eu não era dona da minha própria casa, era impossível controlar a vinda dos estrangeiros durante o sono.

Parece natural que em tempos estranhos como os atuais a gente tenha pesadelos ou sonhos inusitados. Quando penso na estranheza dos tempos, não me refiro tão somente à pandemia. Claro que a pandemia é assustadora: um vírus que não sabemos como, nem por qual motivo assolou nosso mundo, mudou nossa relação com outros humanos, com a natureza, com o mercado de trabalho, com as redes sociais, com as nossas certezas de que éramos o centro do sistema criado, pretensiosamente, pelo que conhecemos por humanidade. Contudo, em relação à COVID-19 a ação, ou melhor, a reação do mundo foi rápida para controlar o contágio, em um ano, mais ou menos, as vacinas estavam disponíveis no mundo inteiro, em especial, nos países em que a gestão não é semelhante a que temos no Brasil. Por tempos estranhos me refiro à ascensão do fascismo, em uma espécie de espírito do tempo em que a atitude da “exclusão da política” (de forma cretina, na tentativa de recolocar o véu na consciência daqueles que se desiludiram com os governos populares que tomaram conta da América Latina nos últimos anos e, por outro lado, manter o véu na

consciência daqueles que precisam se preocupar com a sobrevivência da vida concreta e não podem perder tempo com essa história de política que parece não fazer parte da sua própria história) parecia e por que não dizer, ainda parece uma saída possível para melhorar as condições de vida das pessoas.

De tempos em tempos, passamos por ameaças do fim do mundo, quando eu era mais nova tinha medo que os anos 2000 chegassem. Tinha uma amiga na escola que falava de uma profecia de Nostradamus (astrólogo, vidente e médico francês, nascido em 1506): “a 1000 chegarás, de 2000 não passarás”. Passamos! Nunca acreditei muito na profecia, aliás, nem sei se essa era de fato uma profecia desse astrólogo, vidente e médico, mas lá no fundo tinha um certo receio da virada do milênio. Acabou o 1999 e agora? Agora até escrever no caderno 2000 era difícil, mas lá se vão 21 anos depois da terrível profecia não cumprida, para alegria dos que leem este texto. Na sequência das possibilidades de fim, lembro de uma frase atribuída a Fidel Castro: “Os Estados Unidos só dialogarão conosco quando tiverem um presidente negro e houver no mundo um Papa latino-americano”. Nas minhas crenças da finitude, esse seria um outro momento propício para fim, um presidente negro nos EUA, um papa latino-americano e um diálogo entre o que restou de um sonho socialista e o imperialismo que rege a humanidade, não consigo imaginar um diálogo afável. Mas tudo não passou de uma falácia, Fidel nunca disse isso e, apesar dos fatos terem se concretizado (o presidente negro e o papa argentino) o mundo não se acabou.

Tirando os meus medos fantasiosos em relação ao fim do mundo, vivenciamos acontecimentos que realmente marcaram a história da humanidade chegando perto de uma possibilidade real de fim, ou, pelo menos, o início do fim. Puxando pela memória, listo alguns: a Segunda Guerra Mundial que deve ter causado uma sensação de ameaça ao mundo não só pela guerra em si, mas também pelo seu legado, as bombas atômicas, por exemplo, que acabaram com as cidades de Hiroshima e Nagasaki (ou seja, com o mundo de Hiroshima e Nagasaki); o acidente nuclear de Chernobyl; a Guerra de Biafra, que tirou aproximadamente a vida de três milhões de pessoas em 1960; o terremoto no Haiti, em 2010, 300 mil mortos; Teve também o “11 de Setembro” (momento em que sentimos medo do mundo acabar, não seria o mundo todo, só uma parte e talvez eu e/ou você e eu pudéssemos estar nessa parte que o Tio Sam mandaria virar pó). Quando a natureza se pronuncia meu medo aumenta, mas, ainda assim, não paramos. Nossa máquina de fazer acabar tem me parecido sempre mais potente do que a de criar.

Em 2004, um terremoto no Oceano Índico foi seguido de um tsunami destruidor, que deixou mais de 260 mil mortos em 14 países. Sete anos depois, um acontecimento semelhante teria não apenas dois, mas três atos. Um desastre triplo castigou o Japão, quando um terremoto tão intenso quanto o do Oceano Índico, mas desta vez no Pacífico, provocou um tsunami também devastador. A fúria do mar, por sua vez, provocou um acidente nuclear na usina de Fukushima, 260 quilômetros ao norte de Tóquio. Mais de 18 mil pessoas foram mortas pelo tsunami, e o acidente em Fukushima forçou a retirada de 160 mil pessoas que moravam nas imediações. Na lista das tragédias mais recentes, o drama da Amazônia. Em 2019, o Brasil se tornou notícia internacional com o maior incêndio na floresta dos últimos nove anos. Ameaça direta ao meio ambiente. Aquela coisa de pulmão do mundo sofre, atualmente, segundo alguns estudiosos com um processo de savanização, isso quer dizer que a Amazônia, se seguir neste ritmo de queimadas e desmatamento, pode perder o verde da vegetação tropical e ficar parecida com o cerrado. Não estou contabilizando aqui a fome no mundo que mata todos os dias e o encarceramento em massa que também ajuda no extermínio da população não consumidora.

O avanço da pandemia provocada pelo coronavírus é responsável pela maior crise humanitária dos últimos tempos, o avanço de forças atrasadas, supostamente conservadoras, ou melhor dizendo, fascistas é responsável pelo enlouquecimento de parte da população brasileira. Acho que é aqui que me encaixo. Mentalmente, eu sabia que depois daquela infeliz roleta russa, cara ou coroa, meu destino seria modificado radicalmente. Comecei a imaginar em que momento os estrangeiros sugeririam que eu seguisse com eles, acreditando na gentileza daqueles que eram os outros. No quarto só tinha um, mas sabia que lá fora eles eram muitos à espera da resposta dada pela moeda. O diálogo entre mim e o estrangeiro não era possível pela minha falta de palavras. Ele falava, perguntava se eu era casada, se tinha filhos, onde trabalhava, se gostava da minha vida, perguntou também o que eu fazia sozinha ali naquela hora. Mas minha boca parecia estar colada com um pedaço daquele adesivo preto que preenchia o vidro da janela. Não era possível uma palavra.

Logo começamos a ouvir uns ruídos e o estrangeiro, não sei se por curiosidade ou alguma empatia que havia desenvolvido por mim durante os pesadelos, tentava arrancar alguma notícia que pudesse impedir minha aniquilação. Sempre pensei que ser abduzida podia ser uma forma de morte bastante razoável diante do caos que vivemos por aqui. Mas ele sabia que não era exatamente como eu imaginava, eu não seria a estrangeira mudando de lugar com ele. Eu seria a prisioneira que serviria para que os estudos sobre o que somos nós

para além do que os microscópios podem revelar, avançassem, ou seja, rapidamente percebi que antes de mim outras pessoas já tinham sido levadas. O estrangeiro insistia, me sacudia, pedia alguma informação que fosse possível de ser negociada para a garantia da minha própria vida. E eu me perguntava, mentalmente, por qual motivo o estrangeiro tentava me salvar? Quem disse a ele que eu não queria ir? Como ele saberia que no fundo do meu coração eu preferia ter virado a moeda com a coroa para cima?

O formigamento pelo corpo ia aumentando à medida que os minutos passavam e eu sabia que a qualquer momento eles estariam ali, bem na minha frente. A certeza de me tornar a estrangeira ou prisioneira de um outro não me dava a mesma sensação de horror que eu tinha ao ver o meu mundo acabar sem que eu pudesse fazer nada. Desenhava na minha cabeça como seria o mundo deles e, no meu desenho, ele era azul visto de longe, conforme nos aproximávamos era verde também. Depois mais azul, parecia lindo. A vegetação era diversa e atendia às necessidades de cada um. Tinha ar puro como o da subida da serra para Petrópolis. Tinha cheiro de bolo de fubá como o que a minha avó fazia. Conseguia ouvir o barulho das crianças brincando no Igarapé. Vi mulheres grávidas, lagartas reboativas, peixes alimentando gaivotas com seus rasantes que animam qualquer corpo avexado. Parece que somos nós que estamos dando aquele rasante, olhamos fixamente e lá vem ela. Vamos juntos, um certo mal-estar por pegar o peixe quando ele também estava sendo feliz nadando no muito raso.

Chegaram. E ao olhar a pequenez da minha humanidade, desistiram. Desistiram de me levar, sem que eu precisasse falar nada, já não havia interesse em saber mais nada para além do que já sabiam. Lembrei que algumas vezes, nos sonhos, eu conversava por longas horas com eles e ao que parece essas conversas foram o suficiente para que eles percebessem que não havia por aqui o que privilegiar ou preterir. A capacidade humana de devastação fez com que os estrangeiros procurassem por outros, de outros mundos para servirem de parceiros no desenvolvimento de novas tecnologias para que os mundos não acabassem, por aqui, nosso esforço em amar e mudar as coisas não foi suficiente. Quando a moeda caiu, eu reparei que ela tinha dois lados iguais. A moeda só tinha uma face. Acordei sobressaltada, passei o dia tentando entender como é se sentir estrangeira em um mundo que deveria ser o seu.

Ansiosa por sua resposta, sigo aguardando.

Com amor,

D.

Brasil, 2021.